

***e-Learning*: formação de formadores para a construção de contextos de aprendizagem significativa**

Fernando Albuquerque **COSTA** & Maria Helena **PERALTA** *

1 Sobre o conceito de *e-learning*

O desenvolvimento das novas tecnologias tem promovido no panorama mundial um significativo incremento do ensino a distância, quer em termos do número de alunos envolvidos, quer em termos do número de universidades que passaram a incluir essa modalidade de ensino na sua oferta curricular (Garrison, 1990).

Embora a sua implementação seja muito diferente de país para país e de contexto para contexto, o que antes era considerado uma forma especial de ensino, nomeadamente pela utilização de sistemas de distribuição não convencionais (correspondência, rádio, televisão, entre outros), tem vindo a tornar-se uma área de generalizado interesse no campo da educação e da formação. Começando por constituir alternativa ao ensino presencial tradicional (Mc. Isaac & Gunawardena, 1996), só muito recentemente o ensino a distância começa a afastar-se dos objectivos que originalmente lhe estavam associados e que tinham em comum permitir o acesso àqueles que, por diferentes razões¹ não podiam frequentar a escola convencional tal como ainda hoje a conhecemos.

Mais do que uma alternativa ao ensino que obriga professores e alunos a encontrarem-se no interior das quatro paredes da sala de aulas (no mesmo espaço e no mesmo tempo), o ensino a distância parece apresentar-se hoje como resposta às necessidades emergentes de uma sociedade caracterizada por elevados níveis de competitividade em que o “tempo” é um factor crítico no desenvolvimento dos indivíduos e das instituições: o acesso ao conhecimento deve ser possível a qualquer momento e em qualquer lugar e, acima de tudo, quando é considerado necessário e oportuno (Rosenberg, 2001)².

Numa óptica de complementaridade e sem pôr em causa os fortes argumentos que subjazem ao modelo presencial de ensino, muitas vezes cautelosamente mantido, aliás, como estratégia de mudança gradual para novas práticas de formação, são as empresas quem tem liderado o processo de transformação e quem mais depressa começa a tirar partido das potencialidades tecnológicas hoje disponíveis, nomeadamente as que utilizam as redes e, em particular, a *Internet* como infra-estrutura de suporte e

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. Projecto PEDACTIONE.

desenvolvimento da formação dos seus profissionais.

Enquanto plataforma universal de ligação entre diferentes tipos de computadores, a *Internet* é, de facto, não só um meio eficaz de distribuição da informação, com possibilidade de actualização instantânea dos materiais disponibilizados, mas também um excelente meio de comunicação nos dois sentidos. Em conjugação com uma interface mais “amigável” - conhecida por WWW³ -, e porque vêm permitir superar alguns dos principais obstáculos identificados nas formas convencionais de ensino a distância, são talvez estas características as principais responsáveis pelo interesse que nos últimos anos a *Internet* tem merecido por parte das grandes empresas e de instituições de ensino a distância.

Mas, se por um lado se deve à *Internet* a crescente utilização das redes para o desenvolvimento das próprias organizações, é também a ela que se deve, por outro lado, uma certa indefinição e ambiguidade em torno da expressão recentemente introduzida no vocabulário dos que trabalham no campo da formação e do ensino e mesmo do cidadão comum: “e-learning”. Sem deixarmos de estar perante um fenómeno de “moda”⁴, a expressão “e-learning” tem sido utilizada, de facto, para significar coisas muito diversificadas que vão desde a utilização dos computadores como forma de assistir a aprendizagem (“computer-based learning”), até à aprendizagem que é possível realizar através da ligação directa e acesso, em tempo real, a materiais ou a um qualquer serviço de formação disponibilizado na rede (“online learning” ou “web-based learning”⁵).

Não sendo a literatura ainda muito abundante nomeadamente no que se refere à avaliação das diferentes formas que pode assumir a *e-learning*, assiste-se, no caso específico de Portugal, a uma quase ausência de informação sobre as experiências entretanto levadas a cabo por empresas e outras instituições, entre as quais algumas universidades⁶, factos que contribuirão também para a ambiguidade com que a expressão tem vindo a ser utilizada no nosso país.

Embora seja, como se referiu, uma expressão muito utilizada, a designação “e-learning” apenas muito recentemente passa a fazer parte do vocabulário dos profissionais mais directamente relacionados com a formação profissional, sobretudo em grandes empresas e no seio daquilo que, por exemplo, no Japão ou nos Estados Unidos da América é conhecido por “Corporate University”⁷. Constitui, à primeira vista, um termo novo para o que, em sentido lato, normalmente se associa à “formação”, ao “ensino”, ou à “aprendizagem” com recurso às novas tecnologias, nomeadamente às tecnologias que, nas duas últimas décadas, têm sido mobilizadas para apoiar ou potenciar essa mesma aprendizagem (sistemas de telecomunicações, computadores, redes digitais, entre outras).

A associação da expressão “e-learning” ao ensino a distância, sendo frequente, remete-nos, por outro lado e mais especificamente, para o contexto em que mais fácil se torna compreender a sua crescente utilização hoje. De facto, tentando tirar partido das potencialidades de comunicação oferecidas pelas redes de computadores dentro das organizações (“intranets”) ou, a nível global, pela *Internet*, a “aprendizagem electrónica” (*e-learning*) parece surgir não apenas como forma de realizar aquilo que anteriormente não era facilmente realizável (veja-se, por exemplo, a dificuldade em promover uma interacção frequente e de qualidade entre aluno e professor nos sis-

temas de ensino a distância tradicionais⁸), mas essencialmente como forma de responder aos desafios que a globalização veio trazer à sociedade dos nossos dias⁹.

A velocidade com que se operam as transformações tecnológicas e a velocidade com que é preciso reagir-lhes, a crescente complexidade dos ambientes de trabalho e a falta de trabalhadores com as competências adequadas, a forte competição entre as empresas e a conseqüente pressão, por exemplo, em termos de redução dos custos da formação, mas também a necessidade de maior flexibilidade no que se refere ao desempenho da tarefa e sobre o próprio conceito de aprendizagem¹⁰, são alguns dos factores que segundo Urdan & Weggen caracterizam a sociedade em que vivemos e que de alguma maneira estarão na origem dessa nova maneira de equacionar o ensino a distância (2000: 3-5).

O foco na aprendizagem, o reforço da interacção professor-aluno, a inclusão de estratégias de trabalho colaborativo e uma aprendizagem suportada (mediada) por materiais e estratégias que estimulem os alunos a processar a informação autonomamente e de modo significativo, são os eixos essenciais que alguns associam a uma mudança de paradigma pedagógico e que, nesse sentido, parecem enquadrar algumas das propostas mais consistentes de *e-learning*¹¹.

Embora em inglês a expressão signifique literalmente “aprendizagem electrónica”¹², reflectindo, portanto, a ligação entre a tecnologia e a aprendizagem, a chamada de atenção tem de ser, mais uma vez no sentido de que a parte mais difícil na implementação de projectos de *e-learning* não será dispor da tecnologia¹³, mas “*to invent and innovate the content to create new models of experiences for delivery with this technology*” (Masie, 2001: 38, cit. por Rosenberg, 2001). É nesta linha de pensamento que pretendemos, aliás, situar a questão da preparação dos formadores, uma vez que, desempenhando inquestionavelmente um papel decisivo no processo de concepção, implementação e avaliação de projectos de formação, deles dependerá também em larga medida o sucesso de formas inovadoras de ensinar a distância. Como de forma clara sublinha García (2001: 18),

“ahora más que nunca hace falta la presencia de educadores, en los equipos interdisciplinarios que diseñan las plataformas tecnológicas que hacen posible aprender a distancia. Y ello supone para nosotros un reto provocador. Nunca antes se ha valorado tanto el papel del pedagogo como arquitecto de ambientes de aprendizaje. Aprovechar estas oportunidades es una responsabilidad que debemos asumir.”

2 Sobre o modelo de formação de formadores proposto

Utilizadas nos mais diferentes contextos profissionais, as tecnologias de informação e comunicação não só têm contribuído de forma decisiva para a modificação dos métodos de trabalho e respectivas práticas profissionais, como, em consequência, vieram colocar também os organismos e profissionais da formação perante a necessidade de adaptação e aquisição de novas competências, quer em termos técnicos, quer do ponto de vista pedagógico, que lhes permitam tirar partido de soluções tecnologicamente mais avançadas.

A requalificação dos formadores é, neste contexto, uma prioridade que deve acompanhar não apenas as transformações específicas ocorridas na forma de pensar a aprendizagem, mas também os desenvolvimentos tecnológicos mais recentes e as fer-

ramentas de formação daí resultantes, hoje ao alcance de qualquer formador.

Qual o papel dos formadores no quadro da *e-learning*, (entendida aqui como o conjunto de métodos de ensino e aprendizagem a distância que utilizam como principal recurso tecnológico os computadores e as ferramentas de trabalho disponíveis através das redes digitais, nomeadamente a *Internet*), e que novas competências será necessário adquirir, são dois aspectos que consideramos essencial trazer ao debate e que, de alguma maneira, nortearam o rumo desta comunicação em direcção a uma proposta concreta de formação de formadores.

Nesta comunicação apresenta-se, pois, o esboço de um modelo de formação de formadores que teve lugar no âmbito do Mestrado de Tecnologias em Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e em que se pretende que as dimensões didáctica e curricular, a par da dimensão tecnológica, constituam fundamento para a construção de uma aprendizagem a distância, autónoma e significativa, numa lógica de isomorfismo entre a situação vivida e os contextos de formação que cada um dos participantes poderá no futuro conceber. Do mestrado de Tecnologias em Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa fazem parte, entre outras, as disciplinas de *Estratégias de Formação Síncrona* e de *Projectos Curriculares*¹⁴.

Estas duas disciplinas são normalmente opcionais em alternativa, isto é, os alunos de mestrado teriam obrigatoriamente de escolher, em alternativa, entre a primeira e a segunda. Contudo, o significado que atribuímos ao conceito de *e-learning* - o conjunto de métodos de ensino e aprendizagem a distância que utiliza como principal recurso tecnológico os computadores e as plataformas de comunicação em rede - e a convicção partilhada pelos docentes das duas disciplinas¹⁵ de que a componente pedagógica é prioritária à componente tecnológica quando está em causa a formação, levaram-nos a investir numa proposta interdisciplinar, integrada e complementar. Dito de outro modo, as tecnologias de informação e comunicação como recurso ao serviço de uma acção de formação devem ser integradas numa proposta curricular e didáctica mais ampla que justifique a sua eficácia e lhes dê sentido.

Como referimos, dois dos aspectos centrais desta formação são a identificação do papel (dos papéis) do formador no quadro da *e-learning* ("aprendizagem electrónica") e a identificação das competências que este deve poder demonstrar para ser considerado um formador competente em ensino a distância. Isto torna essencial, por um lado, levar o aluno/formando a adquirir determinados conhecimentos ou a desenvolver determinadas capacidades consideradas essenciais no enquadramento deste mestrado e a que os vários módulos pretendem dar resposta e, por outro, prepará-lo para a sua função de formador autónomo na área das novas tecnologias. Para agir autonomamente face a situações concretas, únicas e complexas, como as que o processo de ensino e aprendizagem propicia, é necessário actuar com competência¹⁶.

A acção competente implica mobilização de saberes e capacidades e pressupõe uma atitude motivadora e facilitadora para criar respostas - tomar decisões - para cada nova situação, respostas que dificilmente se encontram pré-construídas no repertório de modelos teóricos transmitidos ou nos exemplos de situações apresentados em sala de aula.

Numa perspectiva curricular isto pressupõe um outro modelo de currículo que

não o modelo de planificação tecnológica, linear, fechado sobre si próprio, um tipo de currículo dinâmico, em construção, aberto à adaptação a uma situação concreta e singular, à reflexão crítica, à tomada de decisões competente e à resolução de problemas reais, que não se resolvem pela aplicação imediata da teoria aprendida. Com estes pressupostos, tornava-se-nos clara a necessidade de fazer adquirir e/ou desenvolver conhecimentos e capacidades nas duas áreas de intersecção que, no contexto concreto das duas disciplinas em questão, consideramos fundamentais para a sustentação da acção competente e, simultaneamente, criar ambientes de abertura que possibilitassem a decisão autónoma individual ou partilhada. Se a competência se evidencia na acção, é preciso agir para a desenvolver, ou como diz Meirieu (1996): “*Faire ce qu'on ne sait pas faire pour apprendre à le faire*”. Entendemos ser o trabalho de projecto um dos modelos curriculares que poderia materializar estas nossas convicções: com o projecto activam-se conhecimentos e desenvolvem-se capacidades intelectuais e afectivas; na construção do produto, na resolução do problema, toma-se consciência de conhecimentos previamente adquiridos que se mobilizam para a acção; o projecto contribui para a construção de uma aprendizagem autónoma e significativa.

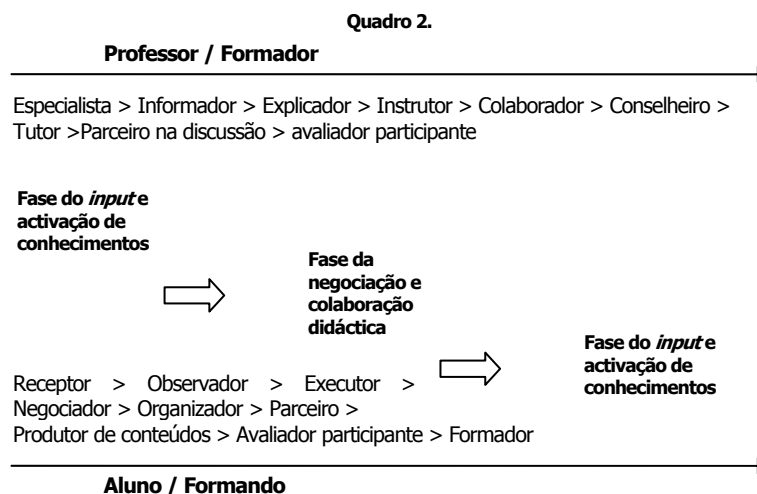
A realização de um bom produto – neste enquadramento a concepção de um curso ou de uma acção de formação utilizando como suporte uma das plataformas tecnológicas estudadas - implica conhecimentos na área do currículo e da didáctica e de diferentes modalidades de formação a distância, bem como capacidade de selecção dos conteúdos, do modelo curricular e dos recursos adequados à situação e ao público alvo da acção de formação. Em concreto, o projecto, ou mais adequadamente, o meta-projecto (o projecto de um projecto) consiste na concepção, planificação, realização e avaliação de uma determinada intervenção pedagógica, com utilização de recursos tecnológicos e tendo como suporte as plataformas possíveis (*síncrona ou assíncrona; on-line ou off-line*) de ensino a distância. Assim, tomando como base de trabalho as orientações que referimos, e como linha de rumo a ideia de projecto, o trabalho nas duas disciplinas foi organizado como se mostra no seguinte *quadro*:

Quadro 1.

SESSÃO	CONTEÚDOS	HORAS
BLOCO 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO: CONCEITOS E METODOLOGIAS		
1	Conceitos fundamentais da área de desenvolvimento curricular. O projecto como modelo de organização curricular.	3
2 e 3	Metodologias de trabalho de projecto.	6
4	Cenários de formação a distância. Ambientes de aprendizagem significativa e aprendizagem baseada em recursos.	3
5	Plataformas tecnológicas de suporte à formação.	3
BLOCO 2. ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROJECTOS		
6, 7, 8 e 9	Plataformas tecnológicas de suporte à formação (formação síncrona, formação diferida <i>on-line</i> e formação diferida <i>off-line</i>): Conceitos e métodos. Esboço dos trabalhos de projecto.	12
10, 11, 12, 13 e 14	Plataformas tecnológicas de suporte à formação (formação síncrona, formação diferida <i>on-line</i> e formação diferida <i>off-line</i>): Concretização dos projectos.	15
BLOCO 3. AVALIAÇÃO DOS PROJECTOS		
15 e 16	Apresentação, discussão e avaliação dos projectos individuais: Apresentação de acordo com critérios previamente definidos em função da tipologia da plataforma seleccionada. Comentário crítico sobre cada um dos projectos apresentados (domínio da plataforma, rigor científico do conteúdo, adequação ao público-alvo, estratégia de apresentação).	6

Dado o papel ambíguo do aluno deste curso – ele é simultaneamente formando

enquanto aluno do curso e formador enquanto profissional cujo objectivo será a organização de acções de formação – entendemos que ele se deveria progressivamente libertar do primeiro e assumir, com rigor e autonomia, o segundo. É o que se pretende também no *quadro* que se segue:



Para finalizar, uma breve nota sobre a avaliação: o projecto pressupõe um resultado visível, uma evidência da aprendizagem realizada, uma demonstração de competência. O centro da verificação da aprendizagem não está só no que se ensinou aos alunos e no que estes devem ter aprendido, mas, sobretudo, no que eles são capazes de fazer quando mobilizam o que aprenderam, ou seja, o que, de facto, sabem. A avaliação incidirá, assim, paralelamente, na observação do produto final realizado e no processo que leva à sua construção.

3 Considerações finais

As tecnologias ao serviço do ensino e da formação são hoje consideradas por muitos como a solução (ou a esperança) para os problemas que o “sistema” é sistematicamente acusado de provocar. Às tecnologias se atribuem qualidades como factor de motivação, de facilitação do acesso à informação, de mobilidade e, enfim, de sucesso na aprendizagem. Consideramos, no entanto, que só como elemento do currículo e da didáctica a tecnologia pode constituir um instrumento educacional eficaz na procura da melhoria da qualidade da educação.

Notas

1. Por não ser o tema central desta comunicação não nos debruçaremos aqui sobre os diferentes tipos de razões, embora isso constituísse uma reflexão interessante.
2. “*In the age of just-in-time production, just-in-time-training becomes a critical element to organizational success.*” (Urdan & Weggen, 2000: 3).

3. Acrónimo de World Wide Web, que traduziremos livremente por “rede mundial de computadores” e cuja principal característica é o aspecto visual amigável da interface, responsável, aliás, pelo interesse suscitado aos mais diferentes níveis.
4. Tal como acontece com muitos outros temas, o uso corrente precede o domínio efectivo dos conceitos subjacentes. O mesmo se passou muito recentemente, por exemplo, com a utilização quotidiana do termo “multimédia” e as suas múltiplas acepções.
5. Se para uns *e-learning* é “*the convergence of learning and the Internet*” (Banc of America Securities, cit. por Learnframe, 2000), de acordo com Rosenberg, não deve ser entendido apenas como uma actualização, versão “online”, do “Computer-based learning” (2001).
6. Um dos casos mais conhecidos parece ser, em Portugal, a Universidade de Aveiro, nomeadamente através da iniciativa UNAVE - Associação para a Formação Profissional e Investigação.
7. O conceito de Corporate University remete-nos para uma visão integrada de desenvolvimento das empresas, enquanto “organizações que aprendem”, assente, entre outros, na criação de comunidades de aprendizagem dentro da organização e na gestão da informação e do conhecimento necessários ao desenvolvimento e sucesso da instituição. É um conceito que se afasta do conceito de formação ainda predominante, introduzindo a complementaridade e o equilíbrio entre “formação” e “informação” (Rosenberg, 2001) e constituindo, por isso, desafio interessante para a própria comunidade educativa.
8. Uma das principais dificuldades e críticas associadas ao ensino a distância tradicional resulta da escassez de oportunidades de interacção aluno-professor e a quase ausência de práticas de trabalho que impliquem a interacção aluno-aluno (Sobrinho, 1998, cit. por Garcia, 2001).
9. No sentido da clarificação de conceitos, pode ser útil reter a relação que Rosenberg estabelece entre *e-learning* e ensino a distância: “*e-Learning is a form of distance learning, but distance learning is not e-learning.*” (Rosenberg, 2001: 29).
10. Aceita-se hoje que a aprendizagem é um processo contínuo que tem de ser equacionado ao longo da vida, mais não seja como forma de sobrevivência dos indivíduos e das organizações (Zabalza, 2000).
11. Uma das definições de *e-learning* que talvez melhor reflecta esta perspectiva é proposta por Elliot Masie: “*e-Learning is the use of network technology to design, deliver, select, administer, and extend LEARNING.*” (1999, cit. por LEARNFRAME, 2000: 6)
12. O significado da letra “e” de *e-learning* está directamente relacionado com o uso da electrónica (leia-se novas tecnologias) ao serviço da aprendizagem. Como refere Elliot Masie essa letra será provavelmente, aliás, o aspecto mais confuso da expressão (2001, cit. por Rosenberg).
13. Tal como tem acontecido com todas as outras tecnologias de alguma maneira mobilizadas para apoiarem o ensino e a aprendizagem.
14. Para uma melhor compreensão da proposta de formação de formadores aqui apresentada, incluem-se em anexo os programas das duas disciplinas.
15. Os docentes das disciplinas em apreço são naturalmente os autores deste texto.
16. Segundo Le Boterf (1994), uma competência mobiliza recursos diversos para fazer face a uma situação singular e é por isso um saber-mobilizar.

Referências

- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2000). *e-Learning: pensar o futuro da educação*. Bruxelas: COM(2000) 318 final.
- GARCÍA, C. M. (2001) *Formación, empleo y nuevas tecnologías: posibilidades de la teleformación como ambiente de aprendizaje*. Texto para publicação.
- GARCÍA, C. M. (1996). *Formación del profesorado para el cambio educativo*. Barcelona: EUB.
- LEARNFRAME. (2000) *Facts, figures and forces behind e-learning*. Disponível em <http://www.learnframe.com/aboutlearning/elearningfacts.pdf>
- MASIE, E. & al. (1999) *The computer training handbook: strategies for helping people to learn technology*. Saratoga Springs: The Masie Center.
- MC ISAAC, M. & GUNAWARDENA, Ch. (1996). Distance education. In: David Jonassen (ed.), *Educational communications and technology*. New York: Prentice Hall, pp. 403-437.
- MEIRIEU, PH. (1996). *Construire ses savoirs, construire sa citoyenneté: de l'école à la cité*. Lyon: Chronique sociale.
- SOBRINO, C. (1998) Consideraciones sobre la aplicación de las nuevas tecnologías a la formación continua de los profesionales informáticos. *Novática*, 132: 34-38.
- URDAN, T. & WEGGEN, C. (2000). *Corporate e-learning: exploring a new frontier*. Disponível em <http://www.performancesupport.com/piper-elearning.pdf>
- ROSENBERG, M. (2001). *e-Learning: strategies for delivering knowledge in the digital age*. New York: McGraw-Hill.
- ZABALZA, M. (2000). Los nuevos horizontes de la formación en la sociedad del aprendizaje. In: A. Monclús Estella (coord.), *Formación y empleo: enseñanza y competencias*. Granada: Comares, pp. 165-198.

Resumo

O termo “e-learning” começa a entrar com insistência, nomeadamente no campo da Formação Profissional e da Educação.

Torna-se por isso oportuno reflectir sobre o alcance e implicações desse conceito e sobre formas de o operacionalizar à luz das Ciências da Educação.

Como contributo para esse objectivo, apresenta-se nesta comunicação o esboço de um modelo de formação de formadores em que se pretende que as dimensões didáctica e curricular, a par da dimensão tecnológica, constituam fundamento para a construção de uma aprendizagem a distância, autónoma e significativa.

Résumé

Le terme “e-learning” commence à s'imposer notamment dans le champ de la formation professionnelle.

Il devient donc opportun de réfléchir sur la visée et les implications de ce concept et sur les formes de l'opérationnaliser à la lumière des sciences de l'éducation.

Dans cette communication on présente l'esquisse d'un modèle de formation de formateurs où les dimensions didactique et curriculaire constituent la base de construction d'un apprentissage à distance autonome et significatif.

Anexo 1**Disciplina de *Estratégias de Formação Síncrona***

Ideia central da disciplina >

Num cenário de mudança, em grande parte determinada pelos objectivos e exigências de uma sociedade de informação, pretende-se que esta disciplina constitua um espaço privilegiado para a reflexão sobre as potencialidades pedagógicas das mais recentes plataformas tecnológicas de formação a distância e para o desenvolvimento de ambientes que favoreçam uma aprendizagem autónoma e significativa.

Objectivos gerais da formação >

Contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de investigação e de inovação em contexto educativo.

Promover o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem significativa no quadro da formação a distância.

Objectivos específicos de aprendizagem >

Caracterizar o conceito de *e-learning*. Distinguir diferentes cenários e plataformas de formação a distância. Desenvolver competências de concepção, realização, aplicação e avaliação de materiais de formação síncrona. Tomar consciência do papel determinante dos recursos em programas de aprendizagem e formação.

Conteúdos >

e-learning e cenários de formação a distância. Ambientes de aprendizagem autónoma e aprendizagem baseada em recursos. Plataformas de suporte e mediação da formação e da aprendizagem. Concepção, desenvolvimento e avaliação de materiais de formação síncrona.

Estratégia >

O desenvolvimento de projectos individuais, oportunidade de concretização dos saberes e competências adquiridos, será precedido de actividades de natureza mais teórica e em estreita relação com a disciplina de projectos curriculares.

Avaliação >

Trabalho individual de concepção, fundamentação e concretização de uma sessão de formação síncrona.

NOTA: Ver exemplos de projectos em <http://www.fpce.ul.pt/~ulfpcost/sincrona/mestrado/index.htm>

Anexo 2**Disciplina de *Projectos Curriculares***

Fundamentação >

Pretende-se o confronto com modelos curriculares de projecto que possam funcionar como matriz aberta à produção de recursos para uma aprendizagem autónoma. Estes modelos potenciam o currículo como instrumento de mudança em educação e formação, impondo que os responsáveis pela sua organização e implementação tenham de cultivar as competências de construtores de projectos curriculares.

Objectivos >

Identificar modelos de organização curricular significativos. Caracterizar a metodologia do projecto no contexto do Desenvolvimento Curricular. Desenvolver competências de desenho de projectos com integração de recursos multimédia. Construir e controlar projectos curriculares para a intervenção e para a formação/ ensino-aprendizagem, em níveis e planos diferentes.

Conteúdos >

Os conceitos de currículo, organização e desenvolvimento curricular, modelo de currículo e projecto curricular. Operacionalização dos modelos de organização curricular: níveis, tipos e modos de planificar o processo de ensino e de aprendizagem/formação. O trabalho de projecto como modelo de organização curricular: origem, características, tipos e fases de organização de um projecto. Papel e potencialidades dos recursos na organização de projectos. Construção de projectos, em níveis e planos diferentes.

Estratégias >

O trabalho, no âmbito desta disciplina, pressupõe uma articulação constante com a disciplina Estratégias de Formação Síncrona, quer no plano da informação, quer da construção de projectos.

Num primeiro momento, pressupõe-se a utilização de estratégias diversificadas, da exposição e leitura crítica de textos curriculares à reflexão sobre documentos, situações ou problemas concretos, no âmbito da organização e desenvolvimento curricular, com ênfase no trabalho de projecto.

Num segundo momento, os participantes serão apoiados na concepção, planificação, realização e avaliação de um projecto, cuja produção dependa do concurso das competências adquiridas.

Avaliação >

Trabalho individual: concepção, planificação, realização e avaliação de um projecto (a avaliação incidirá, paralelamente, na observação do produto final realizado e no processo que leva à sua construção).
